

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Revolta da Vacina (1904): Varíola e Vacinação

Revelino Leonardo Pires de Mattos
Pós-graduando – UFJF

“No princípio de 1876, meus avós estavam novamente em Fortaleza e, a 18 de setembro desse ano, minha avó teve os gêmeos: Pedro José que morreu com seis meses, a 17 de março de 1877, e José Pedro da Silva Nava – meu pai. A 8 de outubro de 1877, outro menino que batizou-se em 28 de fevereiro de 1878, repetindo o nome e Pedro. Viveu cinco meses. Foi o último do Ceará, pois a caçula de meus avós, Maria Euquária, veio à luz no Rio de Janeiro, à Rua Ipiranga 61, no dia 25 de dezembro de 1879. A mudança do casal para o Rio de Janeiro deu-se entre fevereiro de 1878, quando batizaram o segundo Pedro em Fortaleza, e dezembro de 1879, quando lhes nasce a filha carioca. Não é difícil conjecturar os motivos que trouxeram meus avós para a capital do Império. Primeiro, as viagens à Europa, requintando a mentalidade dos dois e dando-lhes ambição de vida mais alta, em meio maior e mais elegante. Depois a tremenda desgraça que se abateu sobre a província com a seca de 77 e o seu cortejo de horrores. A desorganização coletiva acarretada pelas migrações dos retirantes, a desgraça de cada um encarando a fome e as fúnebres companheiras do flagelo: epidemias de cólera e de bexigas. Segundo Pedro Sampaio, a varíola tinha entrado no Ceará com o tráfico africano e desde 1804 começam as notícias de suas devastações. Mas nunca ela se abateu em parte alguma do Brasil com violência com que pesou sobre as populações - agora debilitadas pelas caminhadas, ressecadas pela sede e exauridas pela fome. Nos anos terríveis de 77 e 78, levando em conta a população de Fortaleza, o morticínio acarretado pela pustulenta, foi muito maior que o de calamidades clássicas como a peste de Atenas e a peste-negra da Idade-Média. Basta dizer que, em dois meses, a capital cearense viu morrerem 27.378 vítimas de doença e o Barão de Stuart conta que houve um dia em que foram dar ao Cemitério de Lagoa Funda 1008 cadáveres. O esfalfamento dos coveiros deixava-os por enterrar. Num enxame de moscas e num vojar de urubus, eles cresciam dos caixões, das redes e dos sudários-roxos, da “hemorrágica”; esfolados, da “confluente”. Dourados da crosta

simples – as barrigas imensas pipocando ao sol incorruptível. Além de testemunharem essas cenas incomportáveis de passarem o dia, à porá, socorrendo famintos, de verem nas ruas da cidade a dança macabra dos esqueletos ainda vivos de uma população em agonia – meus avós tiveram o toque da doença em pessoa muito cara. Minha tia Marout foi atingida e, ao levantar-se, era um espectro do que tinha sido. Seus imensos olhos escuros reduziram-se, apertaram-se, e ficaram piscos de receberem a luminosidade que os cílios perdidos não amorteciam. Suas tranças, grossas como cordas e escuras como a noite, grisalharam e ficaram ralas. Sua pele mais lisa que a dos jambos ficou toda áspera e lembrando casca de goiaba branca. Cuspiu, um por um, trinta e dois dentes perfeitos que foram substituídos pela fosforescente dentadura dupla que, anos depois, eu a via lavar e escovar, tomando, ao mesmo tempo, de sentimento de pejo e de idéias mágicas e ancestrais. A linda moça virara uma mulher acabada que só conservava, do que fora, a expressão de uma bondade cada dia maior. O pavor de um avô era ver, assim degradada, a radiosa desposada. E o dos dois, imaginarem os filhos atingidos”[1].

O texto que escolhemos como Epígrafe está em Baú de ossos – memórias, autoria de Pedro Nava. O memorialista reconstitui as origens da família paterna e seus deslocamentos pelo Maranhão, Ceará e Fortaleza. Destacamos este fragmento da obra naveana, pois, julgamos que ela seja pertinente a um texto que se propõe a tratar de episódios ligados à Varíola. Na leitura podemos vislumbrar o pânico coletivo diante da doença e a sensação de impotência de como se evitar este flagelo. O episódio está contextualizado na década de 1870. Fica visível no período o processo de urbanização, corrente na sociedade brasileira. O capitalismo monopolista, no momento, extende-se mundialmente. A década, no senso comum, é a inicial da *Belle Époque* (1870-1914). A *Belle Époque* para as sociedades latino-americanas significou a instalação de indústrias de consumo com os excedentes de produtos agrícolas, o acolhimento de inúmeros imigrantes e a importação de “serviços” como ferrovias, bancos, captação de águas, feitas ou financiadas por capitais estrangeiros, principalmente ingleses. Aspecto mais visível é o adensamento urbano, que se tornava mais dramática as questões de saúde.

A varíola e seus surtos epidêmicos são conhecidos desde a Antiguidade. Com a organização das sociedades capitalistas ao longo do século XIX, doenças tornam-se assuntos de Estado. Deveriam ser descritos, estudados e encontrados os caminhos de cura pela Ciência e ao Estado caberia a legislação sobre a questão. A doença abandonou os aspectos mágicos e religiosos e se tornou objeto de pesquisa científica. No período, *Belle Époque*, a crença na razão e no progresso contínuos foram instrumentos ideológicos da hegemonia capitalista. Uma epidemia, como a descrita na

Epígrafe, põe em perigo esta racionalidade. A busca de criação de vacinas para doenças epidêmicas caminha “par e passo” com a organização do mundo capitalista.

O período de 1870 a 1914, segundo Gordon, em Medicina, como em outros aspectos, caracteriza-se por inúmeras descobertas. Louis Pasteur (1822 – 1875) criou a vacina anti-rábica; Roberto Koch (1843 – 1910) identificou o bacilo causador da tuberculose em 1882 e o bacilo do cólera em 1884; Albert Neisser (1855- 1916) o gonococo; Armaner Haugen (1841 – 1912) o bacilo da lepra; Karl Joseph Eberth (1835 – 1926) o bacilo do tifo; Friedrich Loefer (1852 – 1915) o bacilo do morno, junto com Edwin Klebs (1834 – 1913) o bacilo da difteria; Albert Fränkel (1848-1910) o bacilo da pneumonia; Arthur Nocolaner (1862 - ?) bacilo do tétano; Alphonse Laveran (1845 – 1922) identificou o parasita unicelular plasmódico nos glóbulos vermelhos do sangue de doentes de malária; James Carrol (1854 – 1907) e Jesse Lazear (1866 – 1900) identificaram a mosca transmissora da febre amarela; Joseph Lister (1827-1912) usou o ácido carbólico como desinfetante e Robert Listou (1794 – 1847) usou a anestesia em cirurgia[2]. Descobertas científicas que devem ser entendidas em seu contexto histórico e tornadas possíveis pela aceitação do materialismo que se impôs até fins do século XIX.

Este artigo é fruto de pesquisa bibliográfica e de um processo inicial para um pré-projeto científico. Tem como objetivo discutir o acontecimento que ficou conhecido como a Revolta da Vacina (1904) ocorrida no Rio de Janeiro, então capital federal. Consideramos o evento como um exemplo do processo histórico-social de disciplina do corpo. Segundo as observações de Foucault (1926-1984) em Vigiar e Punir buscaremos fazer uma análise do acontecimento. Sevcenko em “A Revolta da Vacina” e Chalhoub Cidade Febril tratam da questão. Nossa proposta difere dos autores mencionados. Pretendemos identificar aspectos da Varíola e das epidemias para o maior aprofundamento da questão. Destas informações e das medidas políticas e sanitárias adotadas analisaremos pela perspectivas de Foucault. Portanto, partindo das questões que envolvem um acontecimento (Micro), estudaremos as intervenções do saber médico na erradicação da Varíola. Poderemos entender as medidas de disciplinarização do corpo adotadas no âmbito da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX (Macro).

Iniciando por Sevcenko. Ele considera que as causas da Revolta da Vacina (1904) são reações imediatas, por parte de diversos setores da sociedade carioca, a implantação da “nova práxis” iniciada com mais força a partir de 1902, o autor a

denomina de “capitalização, aburguesamento e cosmopolitização”[3]. Os partidários, da época, denominavam-na de “regeneração”. Sendo assim é o corpo a corpo entre os “modernizadores” e os contrários a “modernização” que eram em sua maioria pobres, negros e miseráveis do Rio de Janeiro. Também, entre os contrários à vacinação, estavam alguns inimigos pessoais ou políticos do Presidente Rodrigues Alves e seus comandados. Neste confronto saí vitorioso o projeto “capitalização, aburguesamento e cosmopolitização”.

Para Chalhoub a questão primordial da Revolta está nas relações sociais construídas, modificadas e reconstruídas a partir dos anos 70 do século XIX. O ato da destruição do cortiço mais famoso do Rio de Janeiro, o “cabeça de porco” (1893), trouxe uma gama de significados. Encontra-se aí, a sistemática perseguição destas moradias e a seus moradores pelas autoridades, iniciada desde 1873, e intensificada nos primeiros anos da República. O incômodo que estas moradias traziam às autoridades na última década do século XIX, tem aspectos diversos. Primeiro quando abrigavam os defensores das causas abolicionistas e republicanas. Estes, encastelados tornavam-se inatingíveis pelas forças estatais. O segundo aspecto é a necessidade de se combater as doenças e as ações “compostas de todos os vícios”[4] daqueles moradores. Tudo isto, perturbava as idéias ‘civilizantes’ adotadas a partir de 1870.

Michel Foucault, filósofo francês, publicou várias obras. Dos assuntos tratados, loucura, doença, sexualidade, prisão, discurso e poder, são os principais. Por tratar de temas tão diversos ele utilizou-se de conhecimentos da Filosofia, Psicologia e História. Com isto, estas disciplinas, sofreram influências de seus estudos e passaram a produzir outros trabalhos e novas concepções acerca de objetos ou conceitos. Quanto às discussões da matriz conceitual, várias foram as tentativas de enquadrá-lo em conceitos como estruturalista, pós-estruturalista, irracionalista, relativista, anarquista e niilista. Alguns destes foram refutados pelo próprio Foucault. Em nosso entendimento sobre sua filosofia, comungamos com a versão atribuída por John Rajehman[5]. Esta versão considera seu projeto filosófico “ceticista”, afirmando que

(...) Foucault é o grande cético de nosso tempo. É cético acerca das unidades dogmáticas e das antropologias filosóficas. É o filósofo da dispersão e da singularidade ...[6],

é por isto um ceticista libertador.

(...) Ler Foucault é tornar-se cético a respeito da evidência com que se pode dizer que alguém sofre de uma doença mental, ou tem uma personalidade criminosa ou homossexual[7].

É neste sentido que estamos utilizando Foucault, não só em seu método de explicação, partindo do Micro, sua filosofia “cética” e também apropriando do conceito de disciplina recorrente em ‘Vigiar e Punir’,

As disciplinas marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização. (...) o regime feudal ... Quanto mais o homem é detentor de poder ou de privilégio, tanto mais é marcado como indivíduo, por rituais, discursos, ou representações plásticas. (...) Num regime disciplinar, a individualização, ao contrário, é ‘descendente’: à medida que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados[8].

Ainda que, o objeto de Foucault seja o estudo das modificações ocorridas no sistema prisional ao longo dos séculos, entendemos que as reflexões que permeiam a obra são satisfatórias ao norteamento deste artigo e para futuras pesquisas. Faremos algumas observações sobre a ocorrência de varíola, epidemias e propostas de sua erradicação. A varíola foi grande ameaça e flagelo para as populações européia e brasileira ao longo dos séculos XVIII, XIX e setenta do século XX. Embora ainda pouco estudada há vários indícios para se fazer esta afirmação. Destacamos a importância dada às práticas de combater o vírus pela ciência, nos dois continentes, e a preocupação dos Estados especificamente o brasileiro em combatê-la aliando-se àquele conhecimento científico. Fernandes afirma que:

(...)a tentativa de imunização contra a varíola configura-se como uma prática milenar anterior à constituição e divulgação do método experimental em biomedicina, que marcou o século XIX[9].

A prática milenar, mencionada por Fernandes, foi introduzida na Europa a partir do século XVIII, era conhecida como “variolização, inoculação ou transplantação”. Consistia na retirada da secreção ou casca das pústulas dos doentes para ser ministrada em pessoas saudáveis, as quais adquiriam, segundo as crenças, imunidade ao vírus variólico. Disseminada em todo o ocidente, conviveu até o século XIX com as demais maneiras de combater a varíola e tinha suas raízes na cultura popular. A vacina Jenneriana surge na Inglaterra do século XVIII, através das observações feitas pelo cientista Edward Jenner (1749 –1823), as quais propiciaram-no perceber que as pessoas que se ocupavam em ordenhar vacas não contraíam a varíola. Estas pessoas adquiriam uma doença própria dos bovinos, mas semelhante

ao vírus variólico, conhecido como “Cow-Pox” (pústula da vaca). Após várias pesquisas feitas em pessoas sadias, constatou-se imunidade ao vírus e como a doença bovina produzira uma pústula na epiderme das pessoas, retirava-se a secreção e aplicava-se em outra pessoa saudável. Este método ficou conhecido como “Vacina Jenneriana” ou “humanizada”. A diferença entre a variolização e a vacina de Jenner é que a primeira tentava implantar a forma benigna da varíola, e a segunda buscava evitar a varíola através do acontecimento de doença não letal [10]. Finalmente, a vacina animal, surge como substituta da vacina humanizada e da inoculação após meados do século XIX. Com a descoberta do poder de conservação e purificação da glicemia em relação ao “Cow-Pox”, não foi mais necessário retirar diretamente do animal para aplicar no homem. Podia ser conservada, manipulada em laboratório, transportada com relativa segurança, uma vez que estava garantido seu poder imunizante. É a afirmação do conhecimento científico biomédico.

Quanto à aliança entre o Estado brasileiro (imperial e republicano) e o conhecimento científico, não nos aprofundaremos em todas as instituições criadas e às técnicas adotadas por cada uma, dando suporte aos saberes científicos. Há um trabalho a respeito de Fernandes – Vacina antivariólica[11]. O que faremos é uma breve demonstração de três instituições adotando diferentes saberes científicos, de acordo com o seu tempo, sobre a cura da varíola. A primeira é a Junta Vacínica da Corte (1811) que caracteriza não só a incipiente ação estatal na implantação da prática médica, como também na utilização oficial do método Jenneriano; a segunda é o Instituto Vacínico Municipal (1892), sob o comando do médico e Barão Pedro Afonso que formaliza um contrato com o município que entrara com ajuda financeira, desenvolvendo a prática da vacinação/revacinação graças às verbas públicas e ao conhecimento da biomedicina da época; por último a absorção deste pelo Instituto Oswaldo Cruz (1920), que passou a ser referência na área de pesquisa sanitária no Brasil. A partir de então se aprimora os conhecimentos da medicina experimental (Pasteur), da vacina ‘Cow-Pox’ (Jenner) aumentando a produção e a eficiência do combate ao vírus variólico, pela vacinação/revacinação, tendo consolidado a erradicação nos anos 1970.

Mesmo estando a mercê de importar técnicas européias até final do século XIX, foi graças ao desenvolvimento do saber médico científico e a criação de institutos subsidiados pelo Estado que o mau de séculos foi finalmente controlado e erradicado no século XX. Como pudemos perceber até aqui a varíola se apresentou como o grande mal da humanidade em pelo menos dois séculos e meio. No Brasil ela foi dizimada graças às ações implementadas pela frágil burocracia estatal através dos

cientistas e saberes médico-científico. Da entrada da vacina de Jenner ao fim da epidemia foram aproximadamente 110 anos.

Para nós que vivemos num outro momento, convivendo com outras epidemias que atinge a inúmeras pessoas, parece estranho ter acontecido uma revolta das proporções da de 1904, sendo um dos motivos para nós tão simplórios, “ser vacinado”. Mas que segredo esta doença e motim esconderam a ponto de hoje enxerga-los desta forma? Qual seria o motivo que impulsionou aquelas pessoas? Sociais, políticos, econômicos?

Analisando a sociedade do século XVIII Foucault propõe que neste século inicia-se o processo de disciplina do corpo. É o momento onde o corpo passa a ser percebido como algo que precisa ser disciplinado e mais preso, do que antes, ao interior de poderes que ao mesmo tempo lhe impõe limitações, proibições ou obrigações. Afirma Foucault:

Muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalha-lo detalhadamente (...). O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade, enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadriinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas[12].

Na verdade o que estamos tentando demonstrar é que a varíola e a Revolta da Vacina (1904) fazem parte de um processo de apropriação do corpo pela ciência, processo este iniciado desde o período de Descartes e que teve sua consolidação no Brasil exatamente no início do século XX. Com isto, as pessoas que se rebelaram naqueles dez dias da Revolta estavam fazendo-o não só pelo acúmulo de ações autoritárias, ou por estarem perdendo suas moradias; era mais que isto estavam, também, perdendo o controle sobre seus próprios corpos. Sendo assim a Revolta da Vacina (1904) tem também este aspecto, a luta dos amotinados para manter os corpos livres da disciplina e da apropriação. Portanto o combate à Varíola identificava-se simbolicamente com os discursos da ciência, do progresso, da ordem, da

modernidade, todos mecanismos e práticas já existentes e aos quais a população revoltosa estava tentando resistir.

Por se tratar de uma pesquisa baseada em consultas bibliográficas, como dissemos, não dá para se ter uma conclusão, pois estas leituras são frutos de primeiras pesquisas para a confecção de um projeto e por isto temos mais dúvidas que respostas. No entanto, acerca do que pudemos perceber a varíola enquanto objeto de estudo, ainda é pouco estudada pela história da medicina ou da ciência no Brasil. Ela teve um significado para os contemporâneos a 1904, porque estes foram gradativamente apropriados pelo saber médico no Brasil. Contudo, o que observamos nestas fontes bibliográficas é que o discurso modernizador chegou no Brasil de forma sorrateira e primeiramente na disciplinarização do corpo, antes de se proclamar a República ou instalar o parque industrial. Finalmente, é pela filosofia e pelo método de Foucault que poderemos aprofundar nossas pesquisas para conhecermos e desconstruímos alguns saberes considerados inatingíveis ou intocados.

* Revelino Leonardo Pires de Mattos Licenciado em História pela UFJF, Especialista em “Filosofia Moderna e Contemporânea” pela UFJF, em curso na Pós Graduação, Lato Sensu, “Brasil Estado e Sociedade”, UFJF.

[1] NAVA, Pedro. Baú de Ossos. Rio de Janeiro: José Olympo, 5.^a Edição; 1978.

[2] Consultamos os feitos científicos e datas ao longo do livro: GORDON, Richard. A assustadora história da medicina; 9^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

[3] SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2003.

[4] CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte Imperial. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

[5] RAJCHMAN, John. Foucault: A Liberdade da Filosofia. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro. 1987.

[6] Idem.

[7] RAJCHMAN, John. Foucault: A Liberdade da Filosofia. Jorge Zahar Editora Ltda. Rio de Janeiro. 1987.

[8] FOUCAULT, Michel, Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. São Paulo; Vozes, 1996.

[9] FERNANDES, Tânia Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: Inoculação, Variolização, Vacina e Revacinação. História, Ciências, saúde – Manguinhos, Vol. 10 (Suplemento 2): 461 – 74. 2003.

[10] FERNANDES, Tânia Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: Inoculação, Variolização, Vacina e Revacinação. História, Ciências, saúde – manguinhos, Vol. 10 (Suplemento 2): 461 – 74. 2003.

[11] FERNANDES, Tânia. Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da Vacina Jenneriana à animal)". História, Ciências – Manguinhos VI (1) 29-51 mar – jun 1999.

[12] FOUCAULT, Michel, Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. São Paulo; Vozes, 1996.

Bibliografia

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte Imperial. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

FERNANDES, Tânia Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: Inoculação, Variolização, Vacina e Revacinação. História, Ciências, saúde – manguinhos, Vol. 10 (Suplemento 2): 461 – 74. 2003.

FERNANDES, Tânia. Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da Vacina Jenneriana à animal)". História, Ciências – Manguinhos VI (1) 29-51 mar – jun 1999.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. 14.^a Edição, São Paulo; Vozes, 1996.

NEVES, Margarida de Souza. A ordem e o Progresso: O Brasil de 1870 a 1910. 12.^a Edição, Editora Atual; São Paulo. 1998.

RAJCHMAN, John. Foucault: A Liberdade da Filosofia. Jorge Zahar Editora Ltda. Rio de Janeiro. 1987.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione, 2003.
